

## **AS PARTES FORAM APREGOADAS**

As partes foram apregoadas. Era uma manhã ensolarada, sala de espera cheia de pessoas, perfumes, vozes, barulhos, cheia de histórias. Com pastas e processos nas mãos, o advogado vai até à sala privativa de seus pares, sentindo o cheiro do café coado. Após cumprimentos e conversas corriqueiras, pega seu café, diz um até breve e segue para fila de espera no balcão da serventia. Lá, aguarda ansiosamente para solicitar ao servidor a juntada de seu pedido e apreciação com urgência pela Magistrada. O servidor, por detrás do balcão, entre tantas prateleiras e incontáveis processos, atento, expressa em seu olhar um sentimento quase que imutável: mais um pedido, mais uma urgência. Aproveitando o momento, informa ao advogado que em breve os processos serão tramitados de maneira eletrônica. Entre um café e outro, o advogado procura seu cliente que, em meio a tantos rostos aflitos, procura por sua testemunha. As partes foram apregoadas e os advogados, sob o olhar cuidadoso da Magistrada, celebram o acordo pactuado. De um lado, o reclamante satisfeito, agradece seu patrono. De outro, a reclamada, grata pelo parcelamento de seu débito, questiona sua advogada o que fazer na sua empresa para que não ultrapasse os limites novamente.

As partes foram apregoadas. Era uma tarde cinzenta, sala de espera silenciosa, poucas pessoas, quase que imperceptível as vozes pelo uso de máscaras, olhares tensos, em um ambiente marcante de álcool em gel. O advogado não encontra seus colegas na sala privativa. No balcão da serventia, não tinha fila. Ao questionar sobre a ausência do servidor que sempre o atendia educadamente, recebeu a notícia que ele havia se tornado mais um número nas estatísticas. Rapidamente o advogado encontra seu cliente. As partes foram apregoadas. Não houve acordo. Perícia ambiental agendada, com certos protocolos. Com olhares aflitos, todos se despediram com medo de, literalmente, aquele dia cinzento ser uma despedida. Mas, confiantes, seguiram para seus lares, satisfeitos que, ao menos, em meio a tantas privações, as portas da Justiça do Trabalho não se fecharam.

Era um final de tarde e, em seu escritório, o advogado, preocupado com a instabilidade de sua internet, aguarda junto de seu cliente o início da audiência virtual, ambos com olhares atentos ao computador. Sala de espera vazia e, na tela, mensagens e orientações. As partes foram apregoadas. Rostos quase que não reconhecidos nas pequenas janelas. Não houve acordo. Opção pelo juízo 100% digital. Audiência de instrução agendada para dali alguns meses. Despedidas realizadas, janelas fechadas. Cliente satisfeito com a possibilidade de, na próxima audiência, poder estar presente direto da casa de sua mãe, que mora em outro estado, no interior de Minas Gerais. Era noite estrelada, o advogado, ainda em seu escritório, dentre alguns cafés expressos, seguia trabalhando. Afinal, até 23h59 é dia de prazo.

Era uma manhã ensolarada. O advogado, a caminho de seu escritório, dentro de um carro de aplicativo, observa ao seu redor as pessoas, os lugares e o ponto comum entre todas elas: o trabalho. Refletiu se seria uma utopia tentar equalizar e equilibrar a relação entre empregado e empregador. Ao chegar no seu destino, despede-se do motorista e, em sua porta, estava uma senhora, com um pequeno livreto azul nas mãos e uma sacola com exames médicos, que lhe disse:

- Doutor, preciso de orientação.

ANA CAROLINE CIRIACO  
ADVOGADA